

VOL I

Ciências Humanas:

Estudos Para Uma Visão Holística Da Sociedade



Silvia Inés Del Valle Navarro
Gustavo Adolfo Juarez
(Organizadores)

 EDITORA
ARTEMIS
2021

VOL I

Ciências Humanas:

Estudos Para Uma Visão
Holística Da Sociedade



Silvia Inés Del Valle Navarro
Gustavo Adolfo Juarez
(Organizadores)

 EDITORA
ARTEMIS
2021



O conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons Atribuição- Não-Comercial NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0). Direitos para esta edição cedidos à Editora Artemis pelos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento, desde que sejam atribuídos créditos aos autores, e sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comercial. A responsabilidade pelo conteúdo dos artigos e seus dados, em sua forma, correção e confiabilidade é exclusiva dos autores. A Editora Artemis, em seu compromisso de manter e aperfeiçoar a qualidade e confiabilidade dos trabalhos que publica, conduz a avaliação cega pelos pares de todos manuscritos publicados, com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

| | |
|--------------------------|--|
| Editora Chefe | Prof. ^a Dr. ^a Antonella Carvalho de Oliveira |
| Editora Executiva | M. ^a Viviane Carvalho Mocellin |
| Direção de Arte | M. ^a Bruna Bejarano |
| Diagramação | Elisangela Abreu |
| Organizadoras | Prof. ^a Dr. ^a Sílvia Inés del Valle Navarro Prof. Dr. Gustavo Adolfo Juarez |
| Imagem da Capa | Artem Oleshko |
| Bibliotecário | Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422 |

Conselho Editorial

Prof.^a Dr.^a Ada Esther Portero Ricol, *Universidad Tecnológica de La Habana “José Antonio Echeverría”*, Cuba
Prof. Dr. Adalberto de Paula Paranhos, Universidade Federal de Uberlândia
Prof.^a Dr.^a Amanda Ramalho de Freitas Brito, Universidade Federal da Paraíba
Prof.^a Dr.^a Ana Clara Monteverde, *Universidad de Buenos Aires*, Argentina
Prof. Dr. Ángel Mujica Sánchez, *Universidad Nacional del Altiplano*, Peru
Prof.^a Dr.^a Angela Ester Mallmann Centenaro, Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof.^a Dr.^a Begoña Blandón González, *Universidad de Sevilla*, Espanha
Prof.^a Dr.^a Carmen Pimentel, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof.^a Dr.^a Catarina Castro, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Prof.^a Dr.^a Cláudia Neves, Universidade Aberta de Portugal
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos, Universidade Federal da Grande Dourados
Prof.^a Dr.^a Deuzimar Costa Serra, Universidade Estadual do Maranhão
Prof.^a Dr.^a Eduarda Maria Rocha Teles de Castro Coelho, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal
Prof. Dr. Eduardo Eugênio Spers, Universidade de São Paulo
Prof. Dr. Eloi Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima
Prof.^a Dr.^a Elvira Laura Hernández Carballido, *Universidad Autónoma del Estado de Hidalgo*, México
Prof.^a Dr.^a Emilas Darlene Carmen Lebus, *Universidad Nacional del Nordeste/ Universidad Tecnológica Nacional*, Argentina
Prof.^a Dr.^a Erla Mariela Morales Morgado, *Universidad de Salamanca*, Espanha
Prof. Dr. Ernesto Cristina, *Universidad de la República*, Uruguay
Prof. Dr. Ernesto Ramírez-Briones, *Universidad de Guadalajara*, México
Prof. Dr. Gabriel Díaz Cobos, *Universitat de Barcelona*, Espanha
Prof. Dr. Geoffroy Roger Pointer Malpass, Universidade Federal do Triângulo Mineiro
Prof.^a Dr.^a Gladys Esther Leoz, *Universidad Nacional de San Luis*, Argentina
Prof.^a Dr.^a Glória Beatriz Álvarez, *Universidad de Buenos Aires*, Argentina
Prof. Dr. Gonçalo Poeta Fernandes, Instituto Politécnico da Guarda, Portugal
Prof. Dr. Gustavo Adolfo Juarez, *Universidad Nacional de Catamarca*, Argentina
Prof.^a Dr.^a Iara Lúcia Tescarollo Dias, Universidade São Francisco
Prof.^a Dr.^a Isabel del Rosario Chiyon Carrasco, *Universidad de Piura*, Peru
Prof.^a Dr.^a Isabel Yohena, *Universidad de Buenos Aires*, Argentina
Prof. Dr. Ivan Amaro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Iván Ramon Sánchez Soto, *Universidad del Bío-Bío*, Chile



Prof.ª Dr.ª Ivânia Maria Carneiro Vieira, Universidade Federal do Amazonas
 Prof. Me. Javier Antonio Albornoz, *University of Miami and Miami Dade College, USA*
 Prof. Dr. Jesús Montero Martínez, *Universidad de Castilla - La Mancha, Espanha*
 Prof. Dr. Joaquim Júlio Almeida Júnior, UniFIMES - Centro Universitário de Mineiros
 Prof. Dr. Juan Carlos Mosquera Feijoo, *Universidad Politécnica de Madrid, Espanha*
 Prof. Dr. Juan Diego Parra Valencia, *Instituto Tecnológico Metropolitano de Medellín, Colômbia*
 Prof. Dr. Júlio César Ribeiro, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
 Prof. Dr. Leinig Antonio Perazolli, Universidade Estadual Paulista
 Prof.ª Dr.ª Livia do Carmo, Universidade Federal de Goiás
 Prof.ª Dr.ª Luciane Spanhol Bordignon, Universidade de Passo Fundo
 Prof. Dr. Manuel Ramiro Rodriguez, *Universidad Santiago de Compostela, Espanha*
 Prof. Dr. Marcos Augusto de Lima Nobre, Universidade Estadual Paulista
 Prof. Dr. Marcos Vinicius Meiado, Universidade Federal de Sergipe
 Prof.ª Dr.ª Margarida Márcia Fernandes Lima, Universidade Federal de Ouro Preto
 Prof.ª Dr.ª Maria Aparecida José de Oliveira, Universidade Federal da Bahia
 Prof.ª Dr.ª Maria do Céu Caetano, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
 Prof.ª Dr.ª Maria do Socorro Saraiva Pinheiro, Universidade Federal do Maranhão
 Prof.ª Dr.ª Maria Lúcia Pato, Instituto Politécnico de Viseu, Portugal
 Prof.ª Dr.ª Maritza González Moreno, *Universidad Tecnológica de La Habana "José Antonio Echeverría", Cuba*
 Prof.ª Dr.ª Mauriceia Silva de Paula Vieira, Universidade Federal de Lavras
 Prof.ª Dr.ª Odara Horta Boscolo, Universidade Federal Fluminense
 Prof.ª Dr.ª Patrícia Vasconcelos Almeida, Universidade Federal de Lavras
 Prof.ª Dr.ª Paula Arcoverde Cavalcanti, Universidade do Estado da Bahia
 Prof. Dr. Rodrigo Marques de Almeida Guerra, Universidade Federal do Pará
 Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares, Universidade Federal do Piauí
 Prof. Dr. Sergio Bitencourt Araújo Barros, Universidade Federal do Piauí
 Prof. Dr. Sérgio Luiz do Amaral Moretti, Universidade Federal de Uberlândia
 Prof.ª Dr.ª Silvia Inés del Valle Navarro, *Universidad Nacional de Catamarca, Argentina*
 Prof.ª Dr.ª Teresa Cardoso, Universidade Aberta de Portugal
 Prof.ª Dr.ª Teresa Monteiro Seixas, Universidade do Porto, Portugal
 Prof. Dr. Turpo Gebera Osbaldo Washington, *Universidad Nacional de San Agustín de Arequipa, Peru*
 Prof. Dr. Valter Machado da Fonseca, Universidade Federal de Viçosa
 Prof.ª Dr.ª Vanessa Bordin Viera, Universidade Federal de Campina Grande
 Prof.ª Dr.ª Vera Lúcia Vasilévski dos Santos Araújo, Universidade Tecnológica Federal do Paraná
 Prof. Dr. Wilson Noé Garcés Aguilar, *Corporación Universitaria Autónoma del Cauca, Colômbia*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

C569 Ciências humanas [livro eletrônico] : estudos para uma visão holística da sociedade: vol I / Silvia Inés Del Valle Navarro, Gustavo Adolfo Juarez. – Curitiba, PR: Artemis, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-87396-37-8

DOI 10.37572/EdArt_270621378

1. Ciências humanas. 2. Desenvolvimento humano. 3. Estudos culturais.

I. Del Valle Navarro, Silvia Inés. II. Juarez, Gustavo Adolfo.

CDD 300.7

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422



APRESENTAÇÃO

ESTUDIOS CULTURALES Y DESARROLLO HUMANO

“Só quem pode surgir com o povo é o novo.

E o novo são as crianças.

Com elas, poderão vir as respostas que não encontramos” ...

“...Poxa, até que essa geração mais velha tem algo a oferecer”

Ubiratan D´Ambrosio

São Paulo, 8 de Diciembre de 1932 - 12 de Mayo de 2021

Este libro, titulado **Ciências Humanas: Estudos para uma Visão Holística da Sociedade**, surge mientras transitamos un momento muy particular para nuestra especie humana, en donde se ve amenazada su existencia en forma global. Es por ello, que debe valorarse el esfuerzo de numerosos autores e investigadores que todavía sienten la necesidad y el deseo de entregar sus esfuerzos en la causa de la difusión de resultados de sus trabajos científicos.

Mientras esperamos soluciones, que resguarden al bienestar en la Salud y con ello en la recomposición de la Economía y Educación, por el retraso que esta situación pandémica produce, queda la esperanza de que el replanteo social en las estructuras de las sociedades nos lleven a valorar los resultados que hasta ahora nos ha permitido sobrevivir. Por lo tanto, en esta obra, donde el conjunto de capítulos reflejan la inherente participación en la diversidad de temáticas planteadas, están agrupados trabajos considerados desde el perfil profesional de cada temática asumida por autores de diversos lugares del planeta.

En el Primer Volumen, que tiene como eje temático **ESTUDIOS CULTURALES Y DESARROLLO HUMANO**, se detallan éstos aspectos que se reflejan en las disímiles comunidades que son estudiadas e investigadas por algunos autores en las problemáticas locales mostrando sus inquietudes, tanto a nivel etario, como de sus actividades, o profesiones.

Esperando que estos trabajos sean de gran aporte a los lectores, les deseamos una buena lectura.

SILVIA INÉS DEL VALLE NAVARRO

GUSTAVO ADOLFO JUAREZ

APRESENTAÇÃO

ESTUDOS CULTURAIS E DESENVOLVIMENTO HUMANO

*“Só quem pode surgir com o povo é o novo.
E o novo são as crianças.
Com elas, poderão vir as respostas que não encontramos”...*

“...Poxa, até que essa geração mais velha tem algo a oferecer”

Ubiratan D´Ambrosio
São Paulo, 8 de Diciembre de 1932 - 12 de Mayo de 2021

Este livro, intitulado **Ciências Humanas: Estudos para uma Visão Holística da Sociedade**, surge enquanto vivemos um momento muito particular para nossa espécie humana, onde sua existência está ameaçada globalmente. Por este motivo, deve ser valorizado o esforço de inúmeros autores e investigadores que ainda sentem a necessidade e o desejo de se empenharem na causa da divulgação dos resultados dos seus trabalhos científicos.

Enquanto esperamos por soluções que protejam o bem-estar na Saúde e com ela na recomposição da Economia e da Educação, pelo atraso que esta situação pandêmica produz, espera-se que o repensar social nas estruturas das sociedades nos leve valorizar os resultados que até agora nos permitiram sobreviver. Portanto, nesta coletânea, onde o conjunto de capítulos refletem a participação inerente à diversidade das questões levantadas, se agrupam obras consideradas a partir do perfil profissional de cada disciplina assumida por autores de diversas localidades do o planeta.

No Primeiro Volume, que tem como eixo temático ESTUDOS CULTURAIS E DESENVOLVIMENTO HUMANO, detalham-se esses aspectos que se refletem nas comunidades díspares que são estudadas e investigadas por alguns autores em problemas locais mostrando suas preocupações, tanto em nível de idade, quanto em suas atividades, ou profissões.

Esperando que esses trabalhos sejam de grande contribuição para os leitores, desejamos uma boa leitura.

SILVIA INÉS DEL VALLE NAVARRO
GUSTAVO ADOLFO JUAREZ

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1.....1

A DESINFORMAÇÃO NA HISTÓRIA: AS FAKE NEWS NO CASO DREYFUS E NA ERA DIGITAL

[Denise Paro](#)

DOI 10.37572/EdArt_2706213781

CAPÍTULO 2..... 10

INTELIGENCIA EMOCIONAL RASGO Y PERSONALIDAD

[Èlia López-Cassà](#)

[Núria Pérez-Escoda](#)

[Albert Alegre Rosselló](#)

DOI 10.37572/EdArt_2706213782

CAPÍTULO 3..... 20

REVISIÓN TEÓRICA Y EMPÍRICA DEL ESTUDIO DE LAS FORTALEZAS Y VIRTUDES EN EL CURSO DE VIDA ADULTO

[Franco Morales](#)

[Claudia Josefina Arias](#)

DOI 10.37572/EdArt_2706213783

CAPÍTULO 4.....28

PSICOANÁLISIS CON NIÑOS: JUEGO Y SIGNIFICANTE EN EL RECORRIDO PULSIONAL

[Celeste Ghilioni](#)

DOI 10.37572/EdArt_2706213784

CAPÍTULO 5.....36

IATROGENIA Y NUEVA SOCIALIDAD: UN ESTUDIO DE LOS EFECTOS EN EL DESARROLLO DE LA SENSIBILIDAD SOCIAL DE UN GRUPO DE ADOLESCENTES DESINSTITUCIONALIZADOS

[Clody Genaro Guillén Albán](#)

DOI 10.37572/EdArt_2706213785

CAPÍTULO 6 51

MEASURING THE STRUCTURAL VALIDITY OF TWO NORDOFF-ROBBINS SCALES FOR A PATIENT WITH AUTISM

Aline Moreira Brandão André

Cristiano Mauro Assis Gomes

Cybelle Maria Veiga Loureiro

DOI 10.37572/EdArt_2706213786

CAPÍTULO 7 67

ACTIVIDAD SEXUAL, FRECUENCIA Y SATISFACCIÓN DE HOMBRES Y MUJERES MAYORES

Isabel Piñeiro Aguín

Susana Rodríguez Martínez

Iris Estévez Blanco

Bibiana Regueiro Fernández

Marcia Galina Ullauri Carrión

DOI 10.37572/EdArt_2706213787

CAPÍTULO 8 78

A MULHER ENCARCERADA: UM BREVE CAMINHO HISTÓRICO-SÓCIO-CULTURAL DA MULHER E A SUA VULNERABILIDADE

Sylvio Takayoshi Barbosa Tutya

Maria Elisa de Lacerda Faria

Bianca da Silva Muniz

Thamyres Ribeiro Pereira

DOI 10.37572/EdArt_2706213788

CAPÍTULO 9 93

LIDERAZGO FEMENINO BAJO EL BUEN VIVIR Y LA COSMOVISIÓN ANDINA

Carolina Bown

DOI 10.37572/EdArt_2706213789

CAPÍTULO 10 102

LAS NUEVAS FORMAS LABORALES: SU IMPACTO SUBJETIVO Y EFECTOS EN LA SALUD/SALUD MENTAL

María Flaviana Ponce

DOI 10.37572/EdArt_27062137810

CAPÍTULO 11.....109

COHERENCIA ORGANIZACIONAL: EVIDENCIA EXPERIMENTAL SOBRE EFECTOS DE LOS JUICIOS DE COHERENCIA

[Fernando Toro Álvarez](#)

DOI 10.37572/EdArt_27062137811

CAPÍTULO 12..... 119

A GREVE DE 2012 - UM MOVIMENTO DE RESISTÊNCIA E REAÇÃO CONTRA A APROPRIAÇÃO DO TRABALHO IMATERIAL NA POLÍCIA FEDERAL

[Antônio José Moreira da Silva](#)

DOI 10.37572/EdArt_27062137812

CAPÍTULO 13..... 139

DESIGN E ARTESANATO: PROCESSO DE CRIAÇÃO DE BOLSAS DE CROCHÊ COM REAPROVEITAMENTO DE MATERIAIS

[Zulmira Alves Correia](#)

DOI 10.37572/EdArt_27062137813

CAPÍTULO 14.....144

A ESCOLA MÉDICA DE ANGOLA DE 1791 E A SUA PARTICIPAÇÃO NA HISTÓRIA GLOBAL: DIFUSÃO DE SABERES AFRICANOS (SÉCULOS XVIII E XIX)

[Fernanda Ribeiro Rocha Fagundes](#)

DOI 10.37572/EdArt_27062137814

CAPÍTULO 15..... 157

RELIGIÃO, ENVELHECIMENTO E DOR: INTERMEDIações ENTRE FORMAS CULTURAIS DE REPRESENTAR O SOFRIMENTO E PRÁTICAS CURATIVAS ENTRE PESSOAS IDOSAS NA AMAZÔNIA BRASILEIRA

[Ramiro Esdras Carneiro Batista](#)

[Flávio Pereira Passos](#)

DOI 10.37572/EdArt_27062137815

CAPÍTULO 16..... 170

A RELAÇÃO DE MARIA COM A TRINDADE: SIGNIFICADO PARA AS CULTURAS LATINO AMERICANO E CARIBENHA

[Wilner Charles](#)

DOI 10.37572/EdArt_27062137816

| | |
|---|------------|
| CAPÍTULO 17 | 183 |
| O PARADOXO DO JORNALISMO NA HISTÓRIA IMEDIATA: ANÁLISE CULTURAL DA EXPERIÊNCIA VIVIDA DE PROFISSIONAIS NO COTIDIANO DE UBERLÂNDIA | |
| Gerson de Souza | |
| DOI 10.37572/EdArt_27062137817 | |
| CAPÍTULO 18 | 197 |
| ATIVIDADE DE INCENTIVO À LEITURA - QUE TÍTULO VOCÊ DARIA PARA ESSE LIVRO? | |
| João Vitor Santos de Souza | |
| Luciana Zago Ethur | |
| Guilherme Schimitt | |
| Shirlei Pezzi Fehndrich | |
| Aparecida Miranda Corrêa | |
| João Vitor Liscano Gomes | |
| Danrlei Melo Maciel | |
| Daniele Felicio Rodrigues | |
| Carine Borges Batista | |
| DOI 10.37572/EdArt_27062137818 | |
| CAPÍTULO 19 | 207 |
| A IDENTIFICAÇÃO DO SUJEITO ATRAVÉS DA ESCRITA | |
| Daiane Luiza Lopes | |
| Alexa Fagundes dos Santos | |
| Carolina Baldissera Gross | |
| DOI 10.37572/EdArt_27062137819 | |
| SOBRE OS ORGANIZADORES | 213 |
| ÍNDICE REMISSIVO | 214 |

CAPÍTULO 14

A ESCOLA MÉDICA DE ANGOLA DE 1791 E A SUA PARTICIPAÇÃO NA HISTÓRIA GLOBAL: DIFUSÃO DE SABERES AFRICANOS (SÉCULOS XVIII E XIX)

Data de submissão: 29/04/2021

Data de aceite: 16/05/2021

Fernanda Ribeiro Rocha Fagundes

Doutora pelo PPGHCS/COC/ FIOCRUZ

Rio de Janeiro – RJ

<http://lattes.cnpq.br/3097024677764697>

RESUMO: A Escola Médica de Angola de 1791 fez parte do projeto da Rede de Informações do Império Ultramarino Português. Conforme Ângela Domingues, na conjuntura da Ilustração, ao final do século XVIII, funcionários do ultramar como físicos-mo- res, viajantes naturalistas, governadores, secretários de Estado e até mesmo traficantes de escravos foram remetidos para as longínquas possessões ultramarinas de impérios modernos, como o português, com o intuito de alimentar uma rede de informações úteis, da qual esses Estados obtinham informações preciosas em regiões onde ocorriam o contato entre diversas culturas. Nessas áreas, foram obtidas informações políticas, econômicas e culturais por meio das redes de sociabilidades instaladas. No conjunto dessas informações, foram valorizados os saberes médicos e diversos saberes relacionados à História Natural, que de certa maneira valorizaram os saberes de

cura africana, que puderam se difundir nas redes escravistas e circularem entre a África, Portugal, Brasil e diversos países da Europa, conforme a Nova História das Ciências Global e Transcontinental.

PALAVRAS - CHAVE: África. Circulação. Saberes. Curas e plantas.

THE MEDICAL SCHOOL FROM ANGOLA OF 1791 AND ITS PARTICIPATION IN GLOBAL HISTORY: AFRICAN KNOWLEDGE DIFFUSION (CENTURIES XVIII AND XIX)

ABSTRACT: The Medical School from Angola of 1791 was part of the project Knowledge Web of the Overseas Portuguese Empire. During the Enlightenment, Portuguese employees such as physicists, naturalist travelers, governors, state secretaries and even slave traders were sent to the distant overseas possessions of modern empires, such as the Portuguese, in order to feed a network of useful information, from which these States obtained precious data from regions where contact between different cultures occurred. In those sites, they got information about politics, economies and cultural information by webs of socialization, which belonged to those contacted zones. In the aggregate of that information, medical knowledge and diverse knowledge related to Natural History were valued, which in a way valued the knowledge of African healing, which was disseminated in slave networks

and circulated between Africa, Portugal, Brazil and several European countries, according to the New History of Global and Transcontinental Sciences.

KEYWORDS: Africa. Circulation. Knowledge. Cure and plants.

1 INTRODUÇÃO

A Escola Médica de 1791 está inserida na rede de informações do Império Ultramarino Português. Os funcionários a serviço do Estado atuaram como intermediários entre as culturas, permitindo a formação de conhecimento novo fora da Europa. Dentre eles destacaram-se o viajante cientista Joaquim José da Silva e o físico-mor e professor José Pinto de Azeredo, que prospectaram conhecimentos de cura de grande utilidade, reelaborando-os e fazendo-os circular, sobretudo, nas redes escravistas.

Contida no projeto de rede de informações do Império ultramarino português a Primeira Escola Médica de Angola de 1791 contribuiu para alimentar a referida rede e produzir ciência em Angola conforme a realidade daquele momento. A Escola Médica de 1791 reelaborava conhecimentos científicos, produzia novos saberes conforme o impacto desses conhecimentos com os saberes locais. E por estar em uma região escravista, muitos desses saberes difundiram-se por meio das rotas de comércio de cativos africanos. Os saberes africanos foram, de certo modo, valorizados por constarem no conjunto de saberes úteis pelo Projeto de Rede de Informações do Império Ultramarino Português. Na segunda metade do século XVIII o conhecimento científico foi renovado por meio de indivíduos e instituições. Os Estados Modernos financiaram cientistas, diversos profissionais como médicos, cartógrafos, astrônomos, altos funcionários administrativos. Esses agentes sociais por sua vez criaram Colégios, Escolas Médicas, Academias militares, Jardins botânicos, Associações científicas, das quais eram requisitados estudos de História Natural. O Império ultramarino português e outros Estados modernos financiaram viagens científicas para o Brasil, África e Ásia. Na ocasião, foram abertas prioridades com diretrizes científicas para áreas geográficas, para a recepção e gestão de informação de várias regiões do ultramar. Todo esse conjunto de dados era destinado à Secretaria de Estado da Marinha e Negócios Ultramarinos. Esses agentes sociais espalhados pelo ultramar português sustentaram uma rede de informações, através da qual o Estado português poderia conhecer os seus domínios, potencialidades econômicas, limites físicos, áreas administrativas em diversas regiões como na Europa, na América, na Ásia e na África. Essas informações, vinham de diferentes pontos do império em função de critérios científicos, muitas vezes sistematizados sob a forma de memórias,

participação de viagens científicas e diversos documentos emitidos por governadores, administradores e intendentess. Os cientistas produziam discursos administrativos e os diversos funcionários sistematizavam as informações de natureza científica (DOMINGUES, 2001, p. 824 e 825).

Em consonância com a ideia de rede de informações, pode-se afirmar que a Ilustração portuguesa que atingiu a prática médica, por meio das reformas da Universidade de Coimbra, gestadas pelo marques de Pombal, no último quarteto do século XVIII, permitiu que o conhecimento científico estivesse em sintonia com a política administrativa, muito dos profissionais enviados para o ultramar, sobretudo, físicos e cientistas naturalistas, entraram em contato com informações médicas do período. Funcionários e viajantes sistematizavam informações de população, de riquezas naturais de aspecto pragmático, que incluíam a questão da saúde voltada para os escravos e a grande parte da população, que era atingida por enfermidades. Daí a necessidade de conhecer a realidade das possessões ultramarinas e as condições de vida dos habitantes. Verifica-se então, obras importantes no caso da América portuguesa, como a de Ribeiro Sanches, “*Tratado da conservação da Saúde dos Povos*” de 1755, que fazia referências às doenças nas regiões da África, da Índia e da América. Não eram apenas físicos-mores que se referiam a matéria médica, viajantes naturalistas como Alexandre Rodrigues Ferreira, o Frei Veloso, que traduzia obras para reduzir as doenças dos escravos, José Vieira de Carvalho que traduzia as obras de Dazzile, como “*Observações sobre as enfermidades dos negros, suas causas, seus tratamentos e meios de prevenir*” se esforçavam para sistematizar informações a cerca da população, riquezas naturais e remessas de fauna e flora (ABREU, 2007, p.770-772 e 774).

O envio de cientistas, viajantes naturalistas entre outros profissionais interligados aos Estados ultramarinos também se estendeu para territórios que correspondem à faixa Congo-Angola, onde se ergueu a primeira Escola Médica de 1791. Nessa região é possível destacar dois importantes personagens o viajante Joaquim José da Silva e o físico-mor e professor da referida Escola, José Pinto de Azeredo. Esses personagens históricos também se esforçaram em sistematizar informações relacionadas as riquezas naturais, remessas de fauna e flora e saberes de cura africana.

Para entender como esses agentes sociais, a serviço do Império Ultramarino português conseguiam alimentar a rede de conhecimentos e produzir ciência conforme o último quarteto do século XVIII é necessário entender a perspectiva da História das Ciências Global e Transcontinental.

2 A DIFUSÃO DE SABERES AFRICANOS POR INTERMEDIÁRIOS ENTRE AS CULTURAS

No bojo da referida análise consta a ideia de intermediação cultural, no último quarteto do século XVIII e início do século XIX, que ocorria apesar do advento do capitalismo e da Revolução Industrial. Ao estudar Calcutá foi possível identificar a ideia de intermediação especializada nela mesma, que pode ser autônoma em um mercado local. Os profissionais podem se apresentar de forma interdependente, sendo unidos por uma administração das possessões ultramarinas. Esses profissionais da expansão imperial, os vários indivíduos e grupos possuíam um papel importante e modelavam as suas carreiras na ciência, providenciando crescimento, manutenção intelectual, social e cultural dos locais onde atuavam e ao mesmo tempo legitimavam as suas carreiras. Os profissionais intermediários entre as culturas acabaram construindo e gerenciando as diferenças culturais. Isto teria promovido “o coração da ciência” no século XIX. Os profissionais intermediários deslocavam-se entre as culturas, ativando e sustentando a expansão europeia, negociando as fronteiras culturais (RAJ, 2009, p. 106 e 107).

Os Médicos, os tradutores, os navegadores, os mercadores e os viajantes executavam uma intermediação cultural especializada nela mesma, que ganhava autonomia em mercados e comunidades. Tais profissões tornavam-se interdependentes unidas à administração imperial. Os portugueses, por exemplo, estabeleceram seu império em locais adversos, recebendo rejeição dos nativos. Porém, através dos profissionais, que se localizavam nessas regiões de encontro de culturas, os portugueses conseguiram estabelecer-se junto aos mercadores e ao resto da população. Eles estabeleceram a sua religião, construíram fortificações ao longo das costas litorâneas, promoveram a interação com os colonos, com o mercado privado e estabeleceram uma política comercial regional com as várias comunidades e autoridades políticas. Tudo isso, se preocupando sempre com a possibilidade de mediação, de profissionais intermediários na literatura, na técnica, no jurídico e nas habilidades administrativas, o chamado “*go between*”. Assim, entende-se que no mercado de regiões cosmopolitas, como no caso de Calcutá, existia a possibilidade de construção de conhecimento. Esse último é aprendido em comunidades, em diversos mercados como o marítimo. Os papéis dos atores sociais intermediários entre as culturas traziam consigo seus conhecimentos naturais, sociais, políticos, que eram difundidos como mercadoria, que circulavam na rede mercantil asiática e na variabilidade das trocas entre elas. O conhecimento da natureza, as plantas medicinais, as pedras e outras mercadorias circularam por meio de um conhecimento aprendido entre as diversas comunidades locais. O conhecimento permanecia nas mercadorias circulantes e entre elas, sendo transmitido entre os diferentes grupos ao longo da trajetória dos *commodities*.

Os saberes eram parte da estratégia de trocas, sendo objeto de negociação e mediação (RAJ, 2009, p.108, 110 e 112).

Acredita-se que a mesma análise aplicada à Calcutá pode ser observada na faixa Congo-Angola. Os atores intermediários entre as culturas, que entravam em contato com diversos povos possibilitavam uma mediação, que gerava uma nova forma de conhecimento. Assim como Domingues (2001), Raj (2009) acredita que no início do processo de globalização do mundo moderno o conhecimento intermediário foi a base de membros de diversas comunidades, que negociaram saberes específicos próximos e conectados às suas redes comerciais. Assim como RAJ (2009 p.112) considera Calcutá uma zona de contato entre as culturas, onde emergem novos conhecimentos de geografia, cartografia, história, linguística, etnologia, acredita-se que a faixa Congo-Angola também seja uma zona de contato, com diversos desses profissionais, que interagem com inúmeras outras culturas, com várias estratégias úteis, em uma dinâmica de diferentes formas de intermediação, desenvolvida durante séculos e que permitia a produção de vários conhecimentos.

Dentro desse contexto de intermediação cultural, acredita-se que cientistas naturalistas como Joaquim José da Silva tenha atuado como um profissional “*go between*”.

O Joaquim José da Silva foi um ator importante no período porque a sua trajetória interceptava o momento de vigência da 1ª Escola Médica de Angola, erguida entre 1791 e 1797. Como viajante naturalista a serviço de Portugal ajudou a difundir saberes africanos, e que inclusive estavam nos escritos do primeiro professor da referida escola médica.

Joaquim José da Silva cursava matemática na Universidade de Coimbra, nessa universidade ele também foi atendido pelo curso de medicina, graduando-se em 1778. Trabalhou no curto período de tempo nos Jardins do Palácio da Ajuda. Fez viagens ao Ribatejo, trabalhou com outros naturalistas sob a supervisão de Júlio Mattiazi e Domingos Vandelli. Os acompanhantes de Silva até Angola foram Ângelo Donatti, artista e naturalista que preparou aquarelas de plantas tropicais europeizadas e que havia sido assistente nos Jardins do Palácio da Ajuda (SIMON, 1983, p. 81) também participava da equipe, o riscador José Antônio (RODRIGUES, 2016, p.339). Silva foi designado para uma secretaria em Angola em 1782, chegando em Benguela em 1783, partindo para Luanda e depois para Cabinda na área do rio Dande. Entre 1785 e 1787 Silva explorou o interior e o sudeste de Angola na pesquisa do rio Cunene (SIMOM, 1983, p. 80 e 81). A função de Silva seria a de recolher preparar e remeter exemplares de História Natural conforme a Academia de Ciência de Lisboa. Ele teria feito quatro expedições: a primeira em 1784 à Cabinda e ao rio Dande; a segunda também em 1784 à Massangano; a terceira entre 1785 e 1787 à

Benguela e a Cabo Negro; e a quarta e última, em 1787, em Serra na região de Luanda. (RODRIGUES, 2016, p.340).

Findando a expedição voltou para administração em Luanda e posteriormente foi designado para o presídio em Ambaca. Adquiriu família em Luanda, sendo recolocado em uma secretaria de governo em Angola. Silva teria abraçado o posto no governo de Angola até a sua morte. O governador de Angola na ocasião de Joaquim José da Silva, José Gonçalo da Câmara, fazia o esforço para cumprir a coleta de espécimes para Lisboa e fiscalizava a atuação dos naturalistas. Em 1784 Silva reportava a ministro Martinho de Melo e Castro o envio de espécimes para o Museu de História Natural do Palácio da Ajuda com amostras de ferro de Cabinda e depósitos de asfalto no Dande. Nos envios haviam também flora, fauna, chifres, quadrúpedes, cabras e 27 espécies de herbário. Os espécimes foram coletados na África centro-ocidental na Gambia e nordeste de Angola (SIMON, 1983, p.81-85).

De acordo com Simon (1983) e Rodrigues (2016) a descrição e os apontamentos investigativos de Silva foram baseados nos parâmetros de Linneau e as regiões por onde passaram as expedições eram marcadas por falta de alimentos, água e doenças, que atrapalhavam as expedições. Tanto que, em 1784 os dois membros da companhia de Joaquim José da Silva acabaram morrendo, pois eram constantes as doenças como as febres, sezões ou febres intermitentes. Muitos dos esforços de Silva estavam voltados para superar a barreira das doenças. As enfermidades eram um obstáculo tão grande, que em 1785, Silva não havia embarcado espécimes porque estava convalescente de febres, que havia adquirido em Massangano. Apesar de ter pedido para sair de Angola e voltar para o Rio de Janeiro, o seu pedido não teria sido aceito. Em 1789, Silva teria ficado por mais seis anos em Angola permanecendo no real serviço atendendo a atividade naturalista preparando envios para o Museu da Ajuda. De 1790 a 1798 assumiu o cargo de capitão mor em Massangano, sendo transferido para Ambaca em 1794. Na década de 1790, Silva abraçou postos administrativos em Luanda e em Ambaca. E em 1802 foi recolocado como Secretário de Governo em Angola, ainda atuando como naturalista enviando espécimes para Lisboa. Silva foi classificado como um importante funcionário e cientista a serviço de Portugal. (SIMON, 1983, p.87, 88, 92, 94 e 101).

Assim como Domingues (2001), Abreu (2007), Raj (2009), Rodrigues (2016) reconhece que a ciência ilustrada do último quartel do século XVIII atuou nos domínios portugueses. Acreditando também, como acredita esta pesquisa, que em Angola administradores cientistas por meio do conhecimento prático exploraram o território e esses profissionais naturalistas, médicos, militares entre outros, tornaram-se evidencia

de circulação de saberes no Atlântico. Admitindo que homens de ciência visavam saberes africanos para serem transportados para Europa.

Dessa forma, Joaquim José da Silva contribuiu para a difusão de saberes de cura africanas, tanto que algumas plantas prospectadas por ele como o *embondo* poderia ser observada nos textos do primeiro professor e físico-mor da 1ª Escola Médica de Angola. A referência da planta prospectada por Joaquim José da Silva ocorreu no ano de 1793, quando o governador de Angola, Manoel de Almeida Vasconcelos, enviou um ofício a Martinho de Melo e Castro, onde enumerava os produtos, coletados pelo referido viajante, para o gabinete de História Natural em Lisboa. Segundo Vasconcelos:

[...] Aproveitando a favorável ocasião faço embarcar na fragata Minerva, um caixão com um jacaré apanhado no rio Dande, acondicionando com dificuldades outras espécies respectivas a História Natural, e da produção e uso deste país. Na forma que declara a relação junta, e tendo se nessa coleção empregado Joaquim José da Silva. Me roga implorar a benignidade de vossa excelência em seu benefício [...] podendo eu atestar da sua conduta e bom comportamento [...] Relação dos produtos naturais que pela Secretaria de Estado da Repartição do Ultramar vão remetidos ao Real Gabinete da Ajuda, na real fragata Minerva, em cumprimento das reais ordens de sua majestade, em fevereiro de 1793. [...]quatro pedaços de pau Quicongo, espécie de sândalo, creta metálica [...] uma lata com petróleo negro [...] raiz de Mututo, havida por medicinal[...] dois pedaços do pau chamado Quissecoa [...], uma lata com uma espécie de goma copal [...] uma lata com pó de uma erva que se podia chamar Embundo [sic] (SILVA, 1793, P. 69 e 70 verso).

Azeredo, professor da 1ª Escola Médica de Angola de 1791, também registrava as utilidades do embondo. Conforme o físico:

[...] Atendendo ao uso e utilidade com que as arvores se prestam aos colonos e habitantes da conquista, podemos com maior excesso insistir pela conservação e ainda animar a sua multiplicação: por quanto achamos dos poucos e destroçados Embondeiros [...] a sua mesma casca cobre a desnudez do industrioso quissama, e do pobre escravo que não duvida resistir a fome, e ao escorbuto, comendo a poupa farinácea, que dentro da sua siliqua [...] conserva sempre fresca a semente (AZEREDO, 1799, p. 42 e 43).

Tanto para viajante Joaquim José da Silva, quanto para o físico-mor e professor da Escola Médica de 1791 as plantas africanas eram saberes úteis para alimentar a rede portuguesa.

Ainda dentro da ideia de Raj (2009), referente a atores sociais intermediários entre as culturas, que possibilitam a formação de conhecimento novo fora da Europa, é imprescindível falar do professor da 1ª Escola Médica de Angola de 1791, José Pinto de Azeredo. Esse ator social foi um importante propulsor da circulação dos saberes africanos de cura, além de reelaborar conhecimento novo na referida escola. Tanto Oliveira (2013, p.153, 154, 167, 169 e 172), quanto Costa (2014, p. 258 e 260) Abrunhosa (2014, p. 282) e

Barradas (2014, p. 293) concordam que Azeredo, natural do Rio de Janeiro iniciou seus estudos em Edimburgo em 1786 e 1787, ingressou para Universidade de Leiden em 1788, se tornou físico-mor de Luanda em 1789 e professor de Filosofia Racional e Medicina em Angola entre 1791 e 1797 na mencionada escola médica. Com o fim da Escola Médica de Angola de 1791, Azeredo tornou-se médico do Real Hospital Militar de Lisboa, em Xabregas, no ano de 1801, e posteriormente foi feito médico da Real Câmara e da Família Real em 1806, quando volta para o Brasil em 1807.

Tanto Costa (2014) como Abrunhosa (2014), especulam que a primeira Escola Médica de Angola de 1791 funcionava no Hospital da Misericórdia de Luanda. As funções do José Pinto de Azeredo incluíam lecionar medicina, preparando o material para os seus alunos, exercer a medicina atendendo as tropas e o restante da população, interagindo com o cirurgião-mor, o boticário e outros agentes envolvidos em sua rede de atuação. O perfil de José Pinto de Azeredo era o de descritor, cientista, médico e pedagogo. (ABRUNHOSA, 2014, p. 281 e 282).

É possível observar na trajetória de José Pinto de Azeredo, nos textos que produziu em atuação na referida escola, e em Portugal, já médico do Hospital Militar em Xabregas entre 1801 e 1804, as ideias africanas de cura que foram úteis e que circularam e alimentaram a rede de Informações do Império Ultramarino português.

No que se refere ao manual que produziu para a Escola Médica de 1791, Marques (2014) evidencia as práticas e técnicas de Azeredo, observando-o como um cientista em Angola. José Pinto de Azeredo poderia ser classificado como um médico, um químico e um anatomista. Ele usava a anatomia médico-filosófica por meio de uma visão de medicina barroco-iluminista. As glândulas foram analisadas a partir dos paradigmas das máquinas ou autômatos dos séculos XVII e XVIII. Azeredo atuava em um mundo marcado pelo mecanicismo, pelo vitalismo e pelo organicismo. Referindo-se ao “*Tratado Anatômico dos ossos e vasos linfáticos e glândulas*”, texto produzido para a primeira escola Médica de Angola de 1791, Azeredo se comportava como médico e químico e pendia para o anti-vitalismo. Era ao mesmo tempo fiscalista, mecanicista e materialista. Sendo observado como um físico que se encontrava na passagem da empiria clínica para a objetividade experimental. José Pinto de Azeredo combinava os problemas de função química e física para além da dificuldade médica experimental (MARQUES, 2014, p. 317, 319, 339 - 357).

Nota-se que os autores, acima citados, reconhecem o esforço científico realizado nas possessões ultramarinas do último quarteto do século XVIII e início do XIX. Esses intermediários entre as culturas puderam gerar conhecimento novo através do contato com as novas localidades. Isto porque, pelo viés da corrente interpretativa da nova História

das Ciências Global e Transcontinental é possível entender a atividade científica através de um novo olhar. A ciência passa a ser compreendida como uma complexa relação com a sociedade, com o Estado e a economia. A partir dessa nova perspectiva, a ciência vai além da produção do conhecimento específico e passa a englobar instrumentos, técnicas, serviços, que envolvem esse conhecimento. O local de produção de ciência deixa de ser fixo e passa a ter origem no espaço global desde o início da modernidade, no contexto da expansão europeia. (RAJ, 2007, p.10).

Destaca-se a reelaboração de conhecimentos de Azeredo, tanto das propriedades químicas quanto ao uso da natureza. Ele gerou novos saberes para enfrentar as mortais febres de Angola, que foram usados no Brasil, em Portugal e outras partes do mundo.

José Pinto de Azeredo reelaborava conhecimentos referentes às febres intermitentes de Angola em 1799. Por meio da experimentação desenvolvia o novo método usando o arsênico branco, a noz vômica e a casca de coco. Conforme Azeredo:

[...] Há muito tempo vivia eu persuadido que as febres terças e quartãs se não curam com quina, ou ao menos que elas resistem por meses a sua virtude. Também a experiência me fazia ver, que elas igualmente zombavam da noz vômica; e do arsênico branco. Estes desenganos me obrigaram a por em prática infinitos remédios [...] A experiência já tem sido feita por outros, a quem comuniquei a sua virtude, e eles acham os mesmos felizes efeitos. Já posso assegurar que tendo eu, a noz vômica, o arsênico branco, a casa de coco e os evacuates, não temo intermitentes e dispenso a mesma quina por muitas vezes. (AZEREDO, 1799, P. 64, 91 e 92).

O saber reelaborado de Azeredo se deu conforme o aprendizado que adquiriu como físico-mor e professor da 1ª Escola Médica de Angola 1791. Esse conhecimento viajou até a América portuguesa e chegou ao Rio de Janeiro, sendo usado pelo médico Francisco Xavier Sigaud¹ Conforme Sigaud:

Os práticos da Bahia constataram a eficácia médica do arsênico no tratamento das febres intermitentes. O doutor Persiani que exerceu vários anos nesta cidade o empregou com sucesso tanto nas pirexias periódicas quanto nas afecções nervosas do peito. Este agente terapêutico de que o sr. Doutor Boudin, médico dos hospitais da Argélia, mostrou a poderosa eficácia médica[...] o doutor Azeredo Pinto diz em sua obra: "Fui obrigado a recorrer a outros remédios além da quina, na falta desta última, e encontrei no arsênico branco um poderoso antídoto para as febres intermitentes [...] o mesmo prático introduziu no Brasil o seu método curativo, que tinha experimentado com sucesso em São Paulo de Luanda. É a ele que se deve o tratamento seguinte[...] Administra-se a seguinte decocção na dose de uma xícara de chá três vezes por dia: casca de palmeira pisada, dez onças; água pura, quatro libras; ferver até reduzir à metade; escorrer em seguida. Dá-se o mesmo tempo a noz-vômica em pilulas[...].associar um amargo, como a genciana; começa-se com três pilulas de dois grãos cada[...] se a febre persistir, passar ao emprego do arsênico..." (SIGAUD, 1844, p. 187 e 188).

¹ José Francisco Xavier Sigaud, médico francês radicado no Rio de Janeiro, que produziu a obra "*Do clima e das doenças do Brasil e estatística médica deste Império*" (1844).

No Hospital Militar em Xabregas em Portugal, fez referências à *calumba*, planta africana importante para o combate às febres, usada no lugar da quina. Conforme Azeredo:

“Calumba é um gênero desconhecido a sua raiz é um fortíssimo amargo. Tem sido pouco uso, mas ela promete ser um fortíssimo tônico próprio para as febres intermitentes. Dela tenho usado nas mesmas febres suprimindo a quina com bom sucesso ... (AZEREDO, 1801, P. 16 VERSO).

A *calumba*, citada na obra de Azeredo, *Textos de química*, de 1801 pode ser observada como um saber africano, fruto da circulação por meio de rotas escravistas. A raiz de *calumba* era uma produção do território moçambicano. Ela havia circulado nos portos do Índico e teria ido para a Europa despertando o interesse de muitos cientistas europeus. Desde o século XVII era conhecida em Portugal. Foi incorporada pela matéria médica após a recomendação de Thomas Percival², colocando-a como poderoso antiemético. Acabou sendo estudada por Lamark em 1797, tornando-se um *símplice*³ importante no século XIX (RODRIGUES, 2016, p. 381).

É importante destacar, que a localização da Primeira Escola Médica de Angola de 1791 na rede escravista, acabava por facilitar o circular dos saberes. Os portos marcados pelo comércio de escravos, que movimentavam muitas pessoas, informações, mercadorias e doenças, com a atuação de intermediários, como traficantes de escravos, barbeiros, sangradores, permitiu com que os saberes dentro dos negreiros, de cativos de diversas nações africanas, fossem partilhados. Esse conhecimento especializado era de extrema utilidade para os portugueses, pois a região era marcada pela insalubridade, pela falta de alimentos e chuvas, pelos constantes ataques e instabilidades políticas de reinos africanos inimigos e pela dificuldade de abastecimento das boticas. A questão do trato das doenças era um saber crucial para alimentar a rede de informações portuguesa a respeito da faixa Congo-Angola. Atuar como profissional intermediário nessas regiões de encontro das culturas era muitas vezes sinônimo de óbito, tanto que era considerado um local de degredo.

A circulação das informações sobre plantas e textos não dependiam apenas dos administradores portugueses. Isto porque havia rotas comerciais existentes séculos antes, que também permitiram o viajar da História Natural e das tão desejadas plantas medicinais africanas (KANANOJA, 2015, p. 3- 8) (RODRIGUES, 2016, p. 381). Abrunhosa (2014, p. 289) reconhece o desafio enfrentado por Azeredo, que saiu da Europa para uma Luanda doentia para se submeter ao projeto português, médico-científico em um

² Médico britânico que constituiu o primeiro código de ética médica moderno chamado de “Medical Ethics” de 1803. Um trabalho de transição entre a hegemonia da normativa hipocrática para exigências de uma medicina profissionalizada. Disponível em <http://revistabioetica.cfm.org.br/index.php/revista_bioetica/article/download/145/150>. > Acessado em 5.fev. 2019.

³ Drogas que entram na composição dos remédios.

local de entreposto de exportação de escravos. Luanda, naquele momento colocava-se como uma grande porta de saída de escravos para o Rio de Janeiro, sendo o local mais importante no registro de fluxo de cativos entre 1790 e 1830 (FLORENTINO, 2014, p. 13). As rotas de comércio favoreciam as trocas de saberes e cirurgiões, práticos de medicina entre outros profissionais se movimentaram pelo Mundo Atlântico do último quarteto do século XVIII e início do XIX atuando no comércio de escravos e no trato de doenças dos cativos. Esses profissionais atuavam com saberes adquiridos durante as suas variadas funções, saberes da natureza e tratamento das doenças (WISSENBACH, 2009, p. 281).

Como exemplo de circulação de saberes de cura africana no Brasil, Portugal e África podemos identificar o barbeiro Luís Gomes Ferreira⁴ no Brasil com o uso da fruta *pepe* em meados do século XVIII. Identificamos também, o próprio Azeredo com o uso de outra planta denominada *quassia* no Hospital Militar em Portugal e com o uso da *cola* em Luanda.

Segundo Luís Gomes Ferreira a fruta *pepe* de origem angolana era importante para tratar os defluxos do peito na região das Minas Gerais. Segundo Ferreira:

Flor de laranja azeda, raízes de malvas com algumas folhas... raiz de manjeriçõ, raiz de arruda e raiz de alfavaca; de cada coisa uma mão cheia, deite –se tudo em panela nova vidrada, na qual se lançarão duas libras de água comum e uma de vinagre branco,... ponha a ferver até diminuir metade... e coe... e nele se lançaram duas frutas reladas por nome pepes que vêm de Angola e não faltam na Bahia, e os angolistas costumam trazer[...].estando o doente de costas, se mandará esfregar com esta água desde o pescoço até o fim das costelas por todo peito... De nenhum modo se pode fazer este remédio sem as frutas de Angola... e só se poderão alcançar por via de algum homem que tenha correspondência no dito Reino de Angola, para que as mande vir, ou procurarem no portos de mar, como na Bahia...que trazem as embarcações... as quais vêm com outras coisas medicinais... (FERREIRA, 1735, P.556-558).

Azeredo de volta a Portugal e como físico-mor no Hospital de Xabregas também se referia à *quassia*, uma planta medicinal comumente usada pelos escravos. Segundo o físico-mor: “*quassia foi muito usada nas febres fatais de Suriname com feliz sucesso. A também amarga e tônica como a calumba...*” (AZEREDO, 1801, p. 16 verso e 25 verso).

Em Angola Azeredo ainda experimentava outras espécies vegetais comuns aos nativos como a cola: Conforme Azeredo:

A Cola é um fruto sólido e amargo, de que fazem contínuo uso todos os habitantes, mascando todas as vezes que querem beber água, para que ela fique doce e saborosa, como sucede com quase todos os amargos. Ela, contudo facilita de algum modo a digestão [...] e nas companhias se oferecem em pedaços [...] com a mesma galanteria com que entre nós se apresenta o rapé (AZEREDO, 1799, p. 46).

⁴ Luís Gomes Ferreira foi o cirurgião barbeiro que atuou como cirurgião nos navios portugueses, chegando ao Brasil em 1707, morou na Bahia e depois foi atraído para a região de Minas Gerais na busca pelo enriquecimento como o ouro, mas acabou atuando na arte da cura. A trajetória desse profissional da arte médica resultou na publicação do “Erário Mineral” de 1735.

3 CONCLUSÃO

Enfim, atores sociais como José Pinto de Azeredo e Joaquim José da Silva contribuíram para que os saberes de cura africana circulassem no último quarteto do século XVIII e princípios do XIX. Plantas medicinais de origem africana como a *Calumba*, a *Quassia*, o *Embondo*, o *Pepe* e a *Cola* viajaram para América portuguesa, Portugal, países da Europa como a Inglaterra e outras regiões da África como a Argélia. Sendo consideradas de primordial utilidade, essas plantas ajudaram alimentar a rede de informações do Império Ultramarino português dentro do raio de atuação da 1ª Escola Médica de Angola de 1791, que produzia ciência conforme os parâmetros do final do século XVIII.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Jean Luiz Neves. A colônia enferma e a saúde dos povos: a medicina das luzes e as informações sobre as enfermidades da América portuguesa. **História, Ciências Saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.14n. 3, jul- set 2007. p. 761-778.

ABRUNHOSA, Rui. Um debruço sobre o Tratado Anatômico de José Pinto de Azeredo. In: *Azeredo, José Pinto. Tratado Anatômico dos ossos, vasos linfáticos e glândulas. Antecedido da oração da sapiência feita e recitada no dia 11 de Setembro de 1791*. Lisboa: Edição Júlio Costa, 2014, pp. 279- 293.

AZEREDO, José Pinto de. **Ensaios sobre algumas enfermidades D'Angola**. Lisboa: Régia Oficina de Tipografia. 1799. *Biblioteca Nacional*.

AZEREDO, José Pinto de. **Textos de química e botânica, [c a.1801]**. Códice 8484. Disponível em: < <http://purl.pt/index/geral/aut/pt/152878.html>>. Acessado em 4 ago.2016.

BARRADAS, Joaquim. Os vasos absorventes no Tratado de José Pinto de Azeredo. In: *Azeredo, José Pinto. Tratado Anatômico dos ossos, vasos linfáticos e glândulas. Antecedido da oração da sapiência feita e recitada no dia 11 de Setembro de 1791*. Lisboa: Edição Júlio Costa, 2014, pp. 293-311.

COSTA, Júlio Manuel. Breve escólio do tratado anatômico dos ossos, vasos linfáticos e glândulas de José Pinto de Azeredo. In: *Azeredo, José Pinto. Tratado Anatômico dos ossos, vasos linfáticos e glândulas. Antecedido da oração da sapiência feita e recitada no dia 11 de Setembro de 1791*. Lisboa: Edição Júlio Costa, 2014, pp. 277-279.

DOMINGUES, Ângela. Para um melhor conhecimento dos domínios coloniais: a constituição de redes de informação no império português em finais dos setecentos. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.8, Supl. 2001. pp. 823-838.

FERREIRA, Luís Gomes. **Erário mineral**. Organização Júnia Furtado. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudo Históricas e culturais; Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2002. 821, 2v il. (coleção mineriana, série clássicos).Publicado em 1735 em Lisboa Ocidental na oficina de Manoel Rodrigues, documento dividido em 12 tratados.

FLORENTINO, Manolo. **Em costas Negras: Uma história do tráfico negreiro de escravos entre a África e o Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX)**. São Paulo: Editora UNESP, 2014.

KANANOJA, Kalle. Bioprospecting and European uses of African natural medicine in early modern Angola. **Portuguese Studies Review and Baywolf Press**, University of Helsinki, 23 (2) 2015, pp. 1-25.

Livro de cartas de ofício enviadas para a Corte por Manuel de Almeida e Vasconcelos, governador e capitão general do reino de Angola e suas conquistas. São Paulo de Assunção de Luanda. 1790 – 1797. Códice 4-A-1-4 (Arquivo Nacional Histórico de Angola) 457 fotogramas PADAB DVD11, 28.

MARQUES, Manuel Silvério. A bolota e a madre pérola: Imagens e operações na tessitura das glândulas. In: *Azeredo, José Pinto. Tratado Anatômico dos ossos, vasos linfáticos e glândulas. Antecedido da oração da sapiência feita e recitada no dia 11 de Setembro de 1791.* Lisboa: Edição Júlio Costa, 2014, pp. 311-381.

OLIVEIRA, Antônio Braz de. “Do Rio a Lisboa, passando a Luanda: a chegar para uma bibliografia de José Pinto de Azeredo”. In: OLIVEIRA, Antônio Braz de et al. (org.). **Ensaio sobre algumas enfermidades de Angola.** Lisboa, Portugal: Edições Colibri, 2013. pp. 153-187.

RAJ, Kapil. Introduction. In: RAJ, Kapil. **Relocating modern science: circulation and construction of knowledge in South Ásia and Europe, 1650-1900,** London: Palgrave Macmillan, 2007, pp. 1-26.

RAJ, Kapil. Mapping Knowledge Go-between in Calcutta, 1770-1820. In: SCHAFFER, Simon; ROBERT, Lisa; RAJ, Kapil; DELBURGO, James (Orgs.). **The brokered world: Go-betweens and global intelligence 1770-1820.** Sagamore Beach: Watson Publishing International LLC, 2009, pp.105-193.

RODRIGUES, Eugênia. Angola no século XVIII, atores, redes e saberes. In: PEREIRA, Magnus Roberto de Melo; CRUZ, Ana Lúcia Rocha Barbalho (orgs.). **Os naturalistas do Império: o conhecimento científico de Portugal e suas colônias (1768-1822).** Rio de Janeiro: Versal 2016, pp. 333-387.

SIGAUD, J.F.X. **Do clima e das doenças do Brasil ou estatística medica deste império 1844.** Tradução de Renato Aguiar. Coleção História e Saúde; clássicos e fontes. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2009.

SIMON, Willian Joel. Joaquim José da Silva, naturalist and secretary of government in Angola: 1783-1808. In:-----**Scientific Expeditions in the portuguese oversea territories (1783-1808) and the role of Lisbon in the intelectual scientific community of the late eighteenth century.** Lisboa: Instituto de investigação científica tropical, 1983, pp. 79-104.

WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. Cirurgições e mercados nas dinâmicas do comércio Atlântico de escravos (séculos XVIII e XIX). In Souza, Laura Mello et all (org.) **O governo dos povos.** São Paulo: Alameda, 2009. pp. 281-300.

SOBRE OS ORGANIZADORES

SILVIA INÉS DEL VALLE NAVARRO: Profesora y Licenciada en Física, Doctora en Ciencias Física. Directora del Departamento de Física de la Facultad de Ciencias Exactas y Naturales de la Universidad Nacional de Catamarca, Argentina. Editora de la Revista Electrónica “Aportes Científicos en PHYMATH” – Facultad de Ciencias Exacta y Naturales. Profesora Titular Concursada, a cargo de las asignaturas Métodos Matemáticos perteneciente a las carreras de Física, y Física Biológica perteneciente a las carreras de Ciencias Biológicas. Docente Investigadora en Física Aplicada, Biofísica, Socioepistemología y Educación, dirigiendo Proyectos de Investigación de la Secretaría de Ciencia y Tecnología de la Universidad Nacional de Catamarca con publicaciones científicas dentro del área Multidisciplinaria relacionado a fenómenos físicos-biológicos cuyos resultados son analizados a través del desarrollo de Modelos Matemáticos con sus simulaciones dentro de la Dinámica de Sistemas. Participación en disímiles eventos científicos donde se presentan los resultados de las investigaciones. Autora del libro “Agrotóxicos y Aprendizaje: Análisis de los resultados del proceso de aprendizaje mediante un modelo matemático” (2012), España: Editorial Académica Española. Coautora del libro “Ecuaciones en Diferencias con aplicaciones a Modelos en Dinámica de Sistemas” (2005), Catamarca-Argentina: Editorial Sarquís. Miembro de la Comisión Directiva de la Asociación de Profesores de Física de la Argentina (A.P.F.A.) y Secretaria Provincial de dicha Asociación.

GUSTAVO ADOLFO JUAREZ: Profesor y Licenciado en Matemática, Candidato a Doctor en Ciencias Humanas. Profesor Titular Concursado, desempeñándose en las asignaturas Matemática Aplicada y Modelos Matemáticos perteneciente a las carreras de Matemática. Docente Investigador en Matemática Aplicada, Biomatemática, Modelado Matemático, Etnomatemática y Educación, dirigiendo Proyectos de Investigación de la Secretaría de Ciencia y Tecnología de la Universidad Nacional de Catamarca con publicaciones científicas dentro del área Multidisciplinaria relacionado a Educación Matemática desde la Socioepistemología cuyos resultados son analizados a través del desarrollo de Modelos Matemáticos con sus simulaciones dentro de la Dinámica de Sistemas y de la Matemática Discreta. Autor del libro “Ecuaciones en Diferencias con aplicaciones a Modelos en Dinámica de Sistemas” (2005), Catamarca-Argentina: Editorial Sarquís. Coautor del libro “Agrotóxicos y Aprendizaje: Análisis de los resultados del proceso de aprendizaje mediante un modelo matemático” (2012), España: Editorial Académica Española. Desarrollo de Software libre de Ecuaciones en Diferencias, que permite analizar y validar los distintos Modelos Matemáticos referentes a problemas planteados de índole multidisciplinarios. Ex Secretario Provincial de la Unión Matemática Argentina (U.M.A) y se participa en diversos eventos científicos exponiendo los resultados obtenidos en las investigaciones.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Actividad sexual 67, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75

Adultos 10, 13, 19, 21, 24, 25, 27, 28, 35, 40, 75, 199

África 144, 145, 146, 149, 154, 155, 167, 178

Amazônia 157, 158

Antropologia da dor 157

Artesanato 139, 143, 200

ASD 51, 54, 60

B

Buen vivir 22, 93, 94, 95, 96, 98, 99, 100

C

Caso Dreyfus 1, 2, 3, 5, 7, 8, 9

Circulação 144 150, 153, 154

Coherencia organizacional 109

Comunicação 1, 6, 9, 63, 85, 126, 133, 142, 160, 165, 166, 176, 183, 187, 188, 189, 195, 196, 203

Cosmovisión andina 93, 94, 95, 97, 98, 99

Cultura 9, 14, 26, 29, 34, 43, 44, 69, 83, 85, 96, 97, 120, 135, 139, 144, 145, 147, 148, 150, 151, 153, 168, 169, 170, 171, 175, 176, 177, 178, 180, 181, 183, 195, 196

Curas e plantas 144

D

Design 20, 100, 139, 140, 143

Desinstitucionalización 36, 37, 39, 45, 47, 49, 50

E

Economia Solidária 139, 140, 142, 143

Ecuador 36, 68, 70, 71, 76, 93, 94, 95, 96, 97, 99, 100, 101

Envelhecimento e práticas terapêuticas 157

Escrita 200, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212

Estudos Culturais 183, 185, 194, 195, 196

Evento cultural 198

Extensão universitária 198, 199, 206

F

Fake news 1, 2, 4, 5, 6, 7, 8, 9

Fortalezas del carácter 20, 21, 23, 24

G

Gênero 8, 24, 25, 69, 70, 75, 78, 79, 80, 81, 83, 84, 85, 86, 89, 91, 92, 96, 97, 101, 153, 168, 177, 210

Gerontología 20, 157, 164

H

Historiografia da Mídia 183

Hombres y mujeres mayores 67, 70

I

Identidade 80, 83, 127, 139, 169, 177, 183, 184, 186, 187, 195, 196, 211

Inconsciente 31, 207, 208, 210, 211, 212

Inteligencia emocional 10, 12, 13, 14, 18, 24

J

Juego 21, 22, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35

Juicio de coherencia 109, 110, 113, 116

L

Latino-Americano 62, 170

Latrogenia 37

Liderazgo auténtico 93, 97, 98

M

Maria 51, 78, 91, 102, 156, 161, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 194, 195, 196

Memória 64, 100, 128, 133, 145, 169, 183, 184, 185, 186, 187, 194, 195, 196

Movimento sindical 119, 120, 121, 130, 131

Music therapy 51, 52, 53, 54, 57, 59, 60, 61, 63, 66

N

Niños 28, 30, 31, 33, 35, 36, 37, 38, 39, 41, 42, 44, 47, 50

Nordoff-Robbins Scales 51

Nueva Socialidad 36, 37, 42, 43, 48, 49

P

Personalidad 10, 11, 12, 13, 14, 15, 17, 18, 22, 24, 30, 37, 40, 103

PET Agronomia 198, 200, 205

Polícia Federal 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 135, 136, 137, 138

Pós-verdade 1, 2, 5, 6, 7, 8, 9

Práticas sexuais 67, 70, 71, 72, 73, 75

Preocupación social 37, 49, 50

Psicanálise 207, 208, 210, 212

Psicoanálisis 28, 31, 33, 34, 108

Psicología del desarrollo 20, 26

Psicología Positiva 20, 21, 25, 26, 27

Pulsión 28, 32, 34

R

Rasgos de personalidad 10, 11, 12, 15

Reaproveitamento 139, 142

Relação 6, 7, 8, 53, 62, 64, 65, 80, 90, 123, 125, 132, 133, 140, 150, 152, 157, 158, 159, 160, 161, 164, 166, 168, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 180, 181, 184, 185, 186, 187, 195, 198, 202, 205, 210, 211

Representação psíquica 207

S

Saberes 123, 124, 131, 144, 145, 146, 148, 150, 152, 153, 154, 155, 156, 159, 160, 169

Salud/salud mental 102, 103, 107

Satisfacción sexual 67, 69, 70, 72, 74, 75

Saúde mental 78, 87, 88, 91, 143

Sensibilidad Social 36, 37, 38, 41, 48, 50,

Sentido subjetivo 109, 111, 112, 116

Significante 28, 32, 33, 34, 178, 207, 209, 210, 211

Sistema carcerário 78, 86, 87, 89, 90

Structural validity 51, 53, 54, 61, 65

Subjetividad 102, 103, 116, 117, 118, 132, 137, 158

T

Trabajo 11, 20, 23, 25, 27, 28, 30, 32, 34, 67, 70, 75, 93, 99, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 112, 116, 117, 118, 123

Trabalho imaterial 119, 120, 123, 124, 125, 127, 137

Traço unário 207, 208, 209, 211, 212

Trindade 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 180, 181, 182

V

Vejez 20, 21, 25, 26, 69

Violação de direitos 78

Violência contra a mulher 78

Vulnerabilidade 78, 79, 80, 81, 82, 83, 90, 91, 92, 158



**EDITORA
ARTEMIS**